

INICIAÇÃO CIENTÍFICA: MODALIDADE DE INCENTIVO À PESQUISA EM ENFERMAGEM *

Scientific commencement: model of motivation for nursing research

Maria Auxiliadora Trevizan¹
Isabel Amélia Costa Mendes¹

RESUMO

As autoras enfocam a Iniciação Científica como uma das estratégias para se envolver o enfermeiro do futuro com atividades e resultados de pesquisa. Oferecem ilustração do resultado de quatro anos de experiência nesta modalidade de orientação em dois projetos por elas coordenados, com subvenção do CNPq. Este resultado inclui sinopse de onze trabalhos produzidos pelos alunos. Concluem que estes enfermeiros do futuro poderão atuar como fomentadores de pesquisa no seu contexto de trabalho em função de sua experiência nesta modalidade de ensino extra-curricular.

Unitermos: iniciação científica, orientação em pesquisa, investigação em enfermagem.

ABSTRACT

The scientific commencement is pointed out as one of the strategies to be used to involve the future nurse with research activities and results. They also offer late displaying experiences in this model of teaching in two projects coordinated by them and granted by CNPq. This result includes synopsis of eleven works which were carried out by the students. They conclude by saying that these future nurses will be able to stimulate the research in their work context as a consequence of this way of extra-curricular teaching.

Key Words: scientific commencement, research preceptorship, nursing research.

1 INTRODUÇÃO

A profissão de enfermagem tem empreendido grandes esforços para desenvolver um corpo singular de conhecimento especializado que fundamente a assistência à saúde dos clientes.

Suas líderes têm alertado a comunidade científica e as associações de classe para a necessidade de se incrementar o empenho em pesquisa, com vistas à expansão do corpo atual de conhecimento. Mas ressaltam também que esta expansão terá pouco significado para a profissão se o conhecimento ficar restrito a revistas especializadas ou nas mentes dos pesquisadores; para que tenha significado e impacto, esse conhecimento deve tornar-se um componente do repertório daqueles que encontram-se ligados diretamente com a prática assistencial.

Em geral, o estudante de graduação em enfermagem entra em contato com a prática assistencial já no segundo ano do curso.

Dependendo da sua percepção, do seu potencial para observar e reconhecer problemas na prática, do seu interesse e motivação, bem como da orientação do professor, ele poderá já nessa fase ser iniciado no processo da pesquisa.

Deste modo ele estará conscientizando-se da importância da investigação em enfermagem, familiarizando-se com a literatura da área, procurando utilizar conhecimento recente, enfim, tornando-se gradativamente um consumidor do conhecimento produzido.

Nosso propósito com esse artigo é demonstrar a importância da Iniciação Científica para o crescimento da Enfermagem, oferecendo ilustração de experiências nesta modalidade de orientação em dois projetos, subvencionados pelo CNPq. Todos os seus componentes atuam de forma integrada. São eles:

- Problemática da Utilização de Recursos Humanos no Campo da Enfermagem, coordenado por Maria Auxiliadora Trevizan
- A Centralidade da Comunicação no Processo de Enfermagem, coordenado por Isabel Amélia Costa Mendes.

Deste modo, procuraremos configurar a necessidade de melhor articulação da produção, comunicação e utilização do conhecimento e a urgência de se envolver o aluno de graduação neste processo.

2 PREPARANDO O ENFERMEIRO DO FUTURO

O preparo do enfermeiro do futuro em termos de pesquisa tem que ser visto à luz do cenário atual da investigação na profissão. Importa assim lembrar que o papel do enfermeiro como pesquisador, no Brasil, é recente, tendo surgido na década de setenta.

* Trabalho apresentado na 1ª JICEn - Jornada de Iniciação Científica em Enfermagem. Ribeirão Preto, 22 novembro de 1990.

¹ Enfermeira, mestre, doutora e livre-docente em enfermagem. Professora associada - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

Ora, se a pesquisa é recente, o conhecimento é ainda incipiente e se reflete no ensino e na assistência. Torna-se, então, necessário que o papel de pesquisador seja consideravelmente ativado, a fim de que o conhecimento oriundo das pesquisas reverta em transformações e mudanças para o ensino e para a assistência. É preciso, pois, que o conhecimento seja suficientemente divulgado através do processo ensino-aprendizagem, do processo de publicação de trabalhos científicos e ainda através de um processo de engajamento dos consumidores de pesquisa com os pesquisadores.

Nesses termos, fica configurada a necessidade de melhor articulação da produção, comunicação e utilização do conhecimento, para que se possa chegar a resultados satisfatórios a curto prazo.

Assim, visualiza-se no Brasil um novo compromisso para os enfermeiros: a busca de uma forma de articulação entre enfermeiros-pesquisadores e enfermeiros-assistenciais, de modo que o conhecimento produzido seja avaliado, criticado, reformulado e transformado visando a sua aplicabilidade à prática mais rapidamente.

O envolvimento destes dois grupos é essencial para que a investigação possa subsidiar a resolução de problemas a nível assistencial e para que os enfermeiros assistenciais também sejam preparados para o exercício do papel de pesquisador. Do mesmo modo, resulta desse envolvimento maior aproximação da teoria à prática, testagem de modelos teóricos, originando outras dimensões da pesquisa em enfermagem que tenham na própria enfermagem sua fonte de conhecimento.

Esse compromisso, no entanto, não pode ficar restrito ao enfermeiro do presente. Se o enfermeiro do futuro for envolvido nesse processo, a distância que existe hoje entre teoria e prática, poderá ser encurtada com maior rapidez. Ao oferecer-lhes oportunidade de se iniciar em pesquisa, o docente pesquisador estará investindo em enfermeiros do amanhã que apresentem certa familiaridade com pesquisa, que saibam exercer o papel de consumidor de pesquisa e que tenham estímulo para o desenvolvimento de seu papel de pesquisador.

Nesse sentido, fica evidenciada a importância da Iniciação Científica no curso de Graduação em Enfermagem, como uma modalidade de incentivo à pesquisa oferecida ao enfermeiro do futuro e como uma estratégia de envolvimento, a longo prazo, de maior número de profissionais em investigação. Do ponto de vista formal, em relação à pesquisa, o preparo do aluno de graduação pode ser iniciado através de duas formas: *curricular e extra-curricular*.

Ambas devem liberar a criatividade natural dos jovens e dessa forma estimular nos alunos as idéias originais, desafiá-los com idéias provocadoras, manter seu interesse pela novidade, aguçar sua curiosidade intelectual e torná-los conscientes de que a detecção de lacunas no conhecimento de determinada área pode apontar para necessidades e prioridades

de investigação. Por sua vez, o mestre criativo deve salientar que, quanto mais descobrimos, mais compreendemos quão incompleto é nosso conhecimento. Pode ele indicar a natureza altamente tentativa da ciência, explicando que a inclinação para tomar em consideração idéias inconventionais constitui uma das forças diretrizes do progresso científico (Kneller, 1978, p.30).

E sabido que uma mente criativa levanta hipóteses e tem uma visão do problema e de seu contexto que ultrapassa em muito aqueles que são desprovidos desta capacidade.

A identificação de alunos que apresentam aproveitamento acima da média deve ser feita pelo professor que se dispõe a organizar, coordenar e desenvolver um programa especial através do qual poderá estimular e exercitar sobretudo sua capacidade de construção de trabalhos científicos. É preciso que o professor crie condições para que o aluno tenha participação ativa nesse processo. Além disso, o bloqueio das condições que favoreçam uma atitude comodista, da parte do aluno, de apenas reproduzir as propostas do professor e de somente limitar-se às leituras recomendadas, constitui uma estratégia basilar para o desenvolvimento da criatividade, da potencialidade e do interesse pela investigação. Segundo Demo (1983, p.50), atitude como esta tomada pelo professor consiste numa das *atividades fundamentais para a motivação à pesquisa, através da qual se aprende a ordenar idéias e a concebê-las, a criticar posições e a fundamentar outras, a desdobrar um tema, e assim por diante*.

Acreditamos que ao criar oportunidades para uma mobilização dessa natureza, o professor estará cumprindo com seu papel de educador e poderá assim alcançar um elevado nível de satisfação profissional.

Uma das modalidades de iniciação do aluno em atividades de pesquisa, de natureza extra-curricular, é a Iniciação Científica, que faz parte do programa de formação de recursos humanos e fomento à pesquisa, desenvolvido pelas agências destinadas ao financiamento de ciência e tecnologia no Brasil.

Para o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq (1988), a finalidade da Iniciação Científica é *despertar e incentivar vocações para as atividades de pesquisa científica ou tecnológica, propiciando o necessário treinamento, de modo a contribuir para uma melhor qualificação do futuro profissional. Destina-se a estudantes de cursos de graduação que se proponham a participar, individualmente ou em equipe, de Projeto de Pesquisa, desenvolvido por pesquisador qualificado que se responsabilize pela elaboração e implementação de um plano de trabalho a ser executado com a colaboração do candidato por ele indicado*.

Deste modo, o preparo do pesquisador começa a nível da graduação e continua até o programa de pós-doutorado. Importa ressaltar que neste processo é possível utilizar-se de outra modalidade de bolsa

concedida pelo CNPq: a bolsa Aperfeiçoamento-Pesquisa, que propicia condições de aperfeiçoar o profissional que já se iniciou em pesquisa na graduação, ou permite iniciá-lo nesse sentido quando tem interesse, embora não tenha tido esta oportunidade quando aluno. Nesses termos, os bolsistas de aperfeiçoamento-pesquisa são também iniciantes.

3 ILUSTRANDO EXPERIÊNCIA DE QUATRO ANOS

Há quatro anos temos tido experiência de orientação de alunos de graduação em programa de Iniciação Científica, que inclui alunos-bolsistas do CNPq, bem como alunos não bolsistas. Nesse período, o total de estudantes envolvidos no programa é 24, dos quais doze não bolsistas e doze bolsistas. A duração média de permanência do aluno no programa tem sido de um ano.

A título de ilustração passaremos a relatar sucintamente sobre atividades por eles desenvolvidas nesse programa e, em seguida, é apresentada uma sinopse dos trabalhos por eles elaborados, com o objetivo de demonstrar o que conseguem produzir a nível de graduação, com orientação.

Inicialmente são introduzidos, através de estudo, seminários e grupos de discussão, aos seguintes temas: níveis do conhecimento, natureza do conhecimento científico, definição e importância do método, método científico, problema de pesquisa, o plano de investigação, ética em pesquisa.

Em etapa subsequente analisam pesquisas, dissertações e teses relacionadas à temática do projeto a que estão vinculados e, em reuniões com coordenadores e pesquisadores do programa, apresentam dúvidas, fazem questionamentos e recebem orientação.

Em seguida são treinados em técnicas de pesquisa bibliográfica e de coleta de dados, tendo em vista a realização de uma das pesquisas derivadas do projeto. Procura-se oferecer-lhes oportunidade para que participem de todo o processo de uma pesquisa, desde o seu planejamento até a análise, discussão dos resultados e comunicação oral e escrita do relatório. Assim, estimula-se seu envolvimento em eventos científicos regionais e nacionais, tornando-o cômico da importância da difusão do conhecimento produzido.

A depender da criatividade, do amadurecimento e da iniciativa do aluno, ele poderá solicitar orientação para desenvolvimento de sua própria pesquisa e para sua apresentação em simpósios, congressos e similares.

As sinopses abaixo apresentadas retratam essa iniciativa.

CANCHE, R.F., SONOBE, H.M., BERTAZONE, E.C. A comunicação aluno-paciente segundo a percepção de graduandos de Enfermagem (1988).
Considerando a comunicação como um

instrumento vital para a prestação da assistência de enfermagem aos pacientes, as autoras procuram demonstrar a percepção do aluno, suas expectativas e suas dificuldades no processo de comunicação com pacientes. Através de questionário aplicado em 99 estudantes, concluíram que a maioria demonstrou estar sensibilizada para a importância e necessidade da comunicação, necessitando orientação suplementar à que vem recebendo para que consiga vencer a insegurança, apreensão e ansiedade presentes nos seus primeiros contatos com pacientes.

REIS, J.N., MACEDO, J.L. Considerações a respeito da comunicação entre enfermeiros (1988).

Os autores discutem situações de comunicação entre enfermeiros-assistenciais, derivadas de experiências vivenciadas no decorrer da graduação em enfermagem num hospital-escola. Apontam obstáculos a esta comunicação, para as quais indicam algumas medidas de contorno.

SILVA, A.L., CONCEIÇÃO, A.M.R.C., CARVALHO, A., LIMA, E.A. Funções informativas de auxiliares de Enfermagem num hospital-escola (1988).

Através de observação intermitente durante cinco dias consecutivos nas unidades de internação médica e cirúrgica de um hospital-escola, foi obtido o conjunto de funções dos auxiliares de enfermagem. Deste conjunto, as autoras extraíram as funções informativas e determinaram sua composição, classificando-as em: relacionadas à assistência ao paciente, de apoio e de competência do enfermeiro. Concluem que as vinculadas à assistência ao paciente são as mais frequentes.

CÁRNIO, E.C., GREGÓRIO, E., ALVES, L.M.M., GABRIELLI, A.P.R. A comunicação na passagem de plantão em unidade de internação pediátrica (1988).

Através de estudo descritivo, as autoras apresentam opiniões dos integrantes da equipe de enfermagem de unidade pediátrica sobre a comunicação na passagem de plantão. Tais opiniões foram obtidas a partir de questionário aplicado a trinta profissionais e ocupacionais de enfermagem, que constituíram 75% do pessoal de enfermagem lotado na referida unidade. Numa primeira aproximação como problema, foram abordados e discutidos aspectos relativos à duração, fonte de dados, fatores ambientais e responsabilidade pela passagem de plantão, oferecendo-se sugestões para solução dos problemas detectados.

MACEDO, J.L., REIS, J.N., SANTOS, W.D.F. *Contribuição ao estudo de funções dos atendentes de enfermagem* (1988).

Dados o problema da apresentação numérica e funcional do atendente de enfermagem, os autores propuseram-se a estudar as funções por eles executadas, nas unidades de internação médica e cirúrgica. Quarenta sujeitos foram observados durante cinco dias subsequentes, através da técnica de observação intermitente. As funções detectadas foram classificadas em: assistência ao paciente (43,3%), particulares (18,8%), limpeza e ordem materiais e equipamentos (14,5%), que devem ser executadas por outros profissionais ou ocupacionais (14,3%), relativas à orientação e/ou informação (7,1%), atribuíveis ao enfermeiro (1,8%).

SONOBE, H.M., CANCHE, R.F. *Comunicação escrita sobre orientação de enfermagem em situação pré-operatória* (1990).

Analisam-se as anotações de enfermagem relativas à orientação pré-operatória de pacientes submetidos à amputação de membros inferiores. O levantamento evidencia ausência das referidas anotações em 78,5% dos prontuários, e que 21,5% contém anotações incompletas sobre a orientação pré-operatória. Discute-se a importância do registro do conteúdo dessa orientação e recomenda-se registros mais completos e objetivos, visando a avaliação e o controle da assistência prestada.

CARDOSO, M.C., SONOBE, H.M. *Proposta de solução para o problema do registro da orientação da enfermeira no pré-operatório* (1990).

A aplicação do Método de Solução de Problemas de Bailey & Claus, alicerçado no referencial teórico de Joyce Travelbee, foi utilizado neste estudo para a resolução do problema do registro da enfermeira no pré-operatório do paciente que será submetido à cirurgia de amputação de membros por Obstrução Arterial Crônica. As autoras, ao utilizarem esta estratégia, encontraram a resposta na Pedagogia da Problematização, passível de utilização para outros problemas referentes à Enfermagem.

CARDOSO, M.C. et al. *Enfermagem e comunicação com o paciente no pré-operatório: uma abordagem preliminar à análise de conteúdo* (1990).

Os autores utilizaram o Sistema de Orientação de Enfermagem para desenvolver um estudo preliminar sobre os efeitos da comunicação entre a enfermagem e o paciente no período pré-operatório imediato e verificam se o tempo de permanência ao lado do indivíduo é dirigido às suas necessidades ou às aspirações do profissional.

SONOBE, H.M. *Comunicação aluno-paciente: questões e obstáculos* (1990).

A autora relata sobre a percepção dos graduandos de enfermagem em relação às inseguranças e facilidades no processo de interação com pacientes, bem como demonstra a visão destes sobre o ensino da Comunicação em Enfermagem.

REIS, J.N., CORRÊA, A.K. *Unidade de emergência: stress e comunicação* (1990).

São abordadas considerações a respeito da influência do stress no processo de comunicação dos enfermeiros que atuam no setor de sala de urgência de uma unidade de emergência.

CORRÊA, A.K., REIS, J.N. *Considerações sobre o relacionamento entre enfermeiro-pessoal auxiliar nas salas de operações* (1989).

O presente trabalho aborda algumas considerações a respeito do relacionamento entre enfermeiro-pessoal auxiliar e apresenta algumas sugestões no sentido de amenizar alguns fatores que dificultam esta interação.

A participação desses alunos extrapola o processo de produção de pesquisa, contemplando também o processo de comunicação oral em eventos, e escrita através da publicação dos mesmos. Dos onze trabalhos aqui incluídos, quatro foram comunicados no 1º Simpósio Brasileiro de Comunicação em Enfermagem e publicados nos Anais do mesmo evento; um foi apresentado no VI Ciclo Nacional de Administração em Enfermagem e encontra-se no prelo da Revista Baiana de Enfermagem, dois foram apresentados na III Jornada de Enfermagem em Centro Cirúrgico, e publicados nos anais dessa jornada, e quatro foram apresentados no 2º Simpósio Brasileiro de Comunicação em Enfermagem e publicados nos Anais deste mesmo evento.

Deste modo, o programa de iniciação científica, de caráter extra-curricular que temos desenvolvido vem alcançando seus objetivos, uma vez que os alunos aí engajados têm demonstrado bom aprobei-

tamento, criatividade, compromisso, responsabilidade e aderência ao grupo de trabalho no desempenho das atividades de pesquisa.

Somos de parecer que, com este contato inicial com pesquisa e com grupo de pesquisadores, ao graduar-se em enfermagem, esse recém-formado poderá levar consigo uma experiência em pesquisa que o distingue dos demais que não tiveram esse privilégio. Poderá ele, na prática, atuar como fomentador de pesquisa no seu contexto de trabalho e exercer influência sobre um grupo de enfermeiros, no sentido de envolvê-los com a investigação. Poderá ainda atuar como elo de ligação com as instituições de ensino, ou grupos de docentes, facilitando e criando canais para a comunicação do conhecimento produzido (Mendes, 1989).

Contudo, a forma extra-curricular de iniciação científica, apesar de extramamente válida e necessária, não apresenta a melhor maneira de solucionar o problema, porque privilegia *alguns*, quando *todos* necessitam de um conhecimento básico sobre metodologia científica para o exercício profissional.

É por isso que consideramos vital e imprescindível o oferecimento de um conteúdo básico e compulsório sobre pesquisa nos cursos de graduação em enfermagem. Se desejamos que o enfermeiro do futuro esteja mais apto para o desenvolvimento de atividades de pesquisa e se não pretendemos nos deparar com resultados como os encontrados por Trevizan & Col (1982), é necessário que o aluno tenha esta oportunidade durante a graduação. No Brasil, não são todas as escolas de enfermagem que contam com uma disciplina dessa natureza no seu currículo.

Entretanto, entendemos como Demo (1983, p.51), que a *formação universitária deveria levar especificamente ao surgimento de pessoas capazes de construir ciências... Não se faz isto com alunos apenas ouvintes e pacientes. O que importa na verdade é sua produção, seu trabalho concreto, sua participação em atividades práticas, que implantem o hábito de enfrentar temas, de ordenar seu tratamento, de argumentar solidamente e de extrair conclusões coerentes e consistentes.*

Por isso é preciso que os próprios alunos de graduação estejam mobilizados para: a) solicitar em suas Escolas que os currículos contemplem disciplina de metodologia científica que levem-nos a uma iniciação em atividades de pesquisa; b) estimular seus professores a oferecerem oportunidades de orientação em iniciação científica na forma extra-curricular.

Enfim, os enfermeiros-docentes são responsáveis pelo preparo de enfermeiros-assistenciais que produzam pesquisa e que sejam consumidores da literatura científica, de modo que gradativamente os novos conhecimentos vão sendo avaliados e aplicados à prática de forma mais sensível e com maior rapidez.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a experiência em análise envolva um período restrito e a resposta ao estímulo em Iniciação Científica em apenas dois projetos, fica a perspectiva de que, em futuro próximo, cabe uma avaliação mais abrangente do impacto do investimento em Iniciação Científica na Enfermagem Brasileira.

Assim, cabe às Escolas de Enfermagem uma avaliação global deste investimento, especialmente àquelas que vêm sendo contempladas pelos órgãos financiadores de ciência e tecnologia nesta modalidade de bolsa, para que possam ter parâmetros para traçar novas diretrizes visando ao preparo do enfermeiro para investigação.

Através de avaliações desta natureza pode-se visualizar o saldo de conquistas, diagnosticar os pontos de fragilidade e vislumbrar os desafios a serem vencidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. *Manual do Usuário do CNPq*. Brasília, 1988.
- CANCHE, R.F. et al. A comunicação aluno-paciente segundo a percepção de graduandos de Enfermagem. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO EM ENFERMAGEM. *Anais...* Ribeirão Preto, 1988. p.175-187.
- CARDOSO, M.C., SONOBE, H.M. Proposta de solução para o problema do registro da orientação da enfermeira no pré-operatório. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO EM ENFERMAGEM. *Anais...* Ribeirão Preto, 1990. p.355-373.
- CARDOSO, M.C. et al. Enfermagem e comunicação com o paciente no pré-operatório: uma abordagem preliminar à análise de conteúdo. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO EM ENFERMAGEM. *Anais...* Ribeirão Preto, 1990. p.504-518.
- CÁRNIO, E.C. et al. A comunicação na passagem de plantão em unidade de internação pediátrica. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO EM ENFERMAGEM. *Anais...* Ribeirão Preto, 1988. p.424-439.
- CORRÊA, A.K., REIS, J.N. Considerações sobre o relacionamento entre enfermeiro-pessoal auxiliar nas salas de operações. In: JORNADA DE ENFERMAGEM EM CENTRO CIRÚRGICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Anais...* Ribeirão Preto, 1989. p. 92-104.
- DEMO, P. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas, 1983.
- KNEILLER, G.F. *Arte e ciência da criatividade*, São Paulo: IBRASA, 1978.
- MACEDO, J.L. et al. Contribuição ao estudo de funções dos atendentes de enfermagem. Apresentado no IV Ciclo Nacional de Administração em Enfermagem, Porto Alegre, setembro, 1988. No prelo da Revista Baiana de Enfermagem.
- MENDES, I.A.C. *Pesquisa em Enfermagem: impacto na prática*. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, 1989. Tese (Livre-Docência).
- REIS, J.N., MACEDO, J.L. Considerações a respeito da comunicação entre enfermeiros. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO EM ENFERMAGEM. *Anais...* Ribeirão Preto, 1988. p.350-358.
- REIS, J., CORRÊA, A.K. Unidade de emergência: stress e comunicação. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO EM ENFERMAGEM. *Anais...* Ribeirão Preto, 1990. p.528-538.
- SILVA, A.L. et al. Funções informativas de auxiliares de enfermagem num hospital-escola. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO EM ENFERMAGEM. Ribeirão Preto, 1988. p.410-423.

- 14 SONOBE, H.M., CANCHE, R.F. Comunicação escrita sobre orientação de enfermagem em situação pré-operatória. Trabalho apresentado na III Jornada de Enfermagem em Centro Cirúrgico, Ribeirão Preto, julho 1989. No prelo dos Anais da citada jornada.
- 15 SONOBE, H.M. Comunicação aluno-paciente: questões e obstáculos. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO EM ENFERMAGEM. *Anais...* Ribeirão Preto, 1990. p.552-565.
- 16 TREVIZAN, M.A. et al. A respeito da colaboração do enfermeiro de serviço às atividades de ensino e pesquisa. *Enfermagem Atual*. Rio de Janeiro, v.4, n.23, p.10-16, 1982.

Endereço do Autor: Maria Auxiliadora Trevizan
Author's address: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da
USP - Av. Bandeirantes, 3900
14049 - Ribeirão Preto - SP

Trabalho recebido em: 02/05/91
Solicitado reformulações aos autores em: 26/09/91
Data de retorno em: 29/11/91
Aprovação final em: 05/11/91